



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**AMÉLIA VITÓRIA DE SOUZA CONRADO**

**CAPOEIRA ANGOLA E DANÇA AFRO: CONTRIBUIÇÕES  
PARA UMA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO MULTICULTURAL NA  
BAHIA**

Salvador  
2006

**AMÉLIA VITÓRIA DE SOUZA CONRADO**

**CAPOEIRA ANGOLA E DANÇA AFRO: CONTRIBUIÇÕES  
PARA UMA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO MULTICULTURAL NA  
BAHIA**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Educação da Faculdade de  
Educação, Universidade Federal da Bahia,  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de Doutora em Educação.**

**Orientador: Profº. Dr. Edivaldo Machado Boaventura**

**Salvador  
2006**

## TERMO DE APROVAÇÃO

AMÉLIA VITÓRIA DE SOUZA CONRADO

### CAPOEIRA ANGOLA E DANÇA AFRO: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO MULTICULTURAL NA BAHIA

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Edivaldo Machado Boaventura Orientador \_\_\_\_\_  
Ph.D. em Administração Educacional, Pennsylvania State University, EUA.  
Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia

Maria de Lourdes Siqueira \_\_\_\_\_  
Doutora em Antropologia e Etnologia, École de Hautes Études en Sciences  
Sociales EHESS - Paris, França. Professora da Escola de Administração da  
Universidade Federal da Bahia

Kabengele Munanga \_\_\_\_\_  
Doutor em Antropologia - Universidade de São Paulo (USP). Professor da  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo.

Celi Neuza Zülke Taffarel \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pela Universidade de Campinas  
Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Elias Lins Guimarães \_\_\_\_\_  
Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia. Professor da  
Universidade Estadual de Santa Cruz - Ilhéus/Itabuna-BA. Professor da  
Universidade Católica de Salvador.

Salvador, 24 de outubro de 2006

Dedico esta tese, em especial, à professora Maria Augusta de Souza Conrado, minha mãe, que desde cedo conscientizou a mim e meus irmãos das origens humildes de nossas famílias e das dificuldades de sobrevivência, deixando para mim e todos os seus filhos, a educação como maior herança. Para isso, antes de ingressarmos na escola, em casa, ela já nos alfabetizava e ensinava a importância e o valor do papel de um professor.

## AGRADECIMENTOS

Quando estudante de mestrado em educação na UFBA ouvia os colegas falarem de um professor poliglota, fundador de faculdades e administrador conceituado. Esquivei-me ali de enfrentá-lo nos estudos. Um dia, ele perguntou: “ainda não foi minha aluna? Quem não passar por mim, não passou por este programa”. Achei graça... mas o destino me levou até ele! Hoje, é meu orientador, Edivaldo Machado Boaventura, obrigada pela nobre oportunidade.

Nesse mesmo programa, assisti às participações em bancas examinadoras do minucioso prof<sup>o</sup> Kabengele Munanga, no mestrado, me esquivei dele, mas, no doutorado, a coragem me tomou a frente, e se for para o melhor, enfrento este extraordinário doutor da USP no meu “rito de passagem”, obrigada Kabengele.

A doutora e amiga Joseania Freitas Miranda falava-me de uma intelectual, antropóloga, sua amiga e eu dizia: “me apresente logo esta professora...” e fomos à Escola de Administração da UFBA. Numa brevíssima conversa, não tive dúvidas, convidei-a para orientar meus estudos de mestrado; sua resposta foi: “aceito o desafio, de dança não entendo, mas de ciência, culturas e humanidade, sim”. Essa ilustre pós-doutora orientou meu mestrado e co-orientou esta tese. Muito obrigada, Maria de Lourdes Siqueira.

A professora doutora Celi Neuza Zulke Taffarel, pela referência que é na ciência, no compromisso com movimentos sociais, sua força é nossa inspiração; e ao sociólogo, professor doutor, com distinção, Elias Lins Guimarães. Agradeço-os pela honra de compor esta distinta banca examinadora. Muito obrigada.

Os doutores Ana Célia da Silva e Elias Lins Guimarães; não esqueço da “sabatina” junto ao projeto, para que eu concorresse à seleção do doutorado, o que valeu. Muito obrigada.

Às minhas amigas Vanda Machado e Nanci Helena Rebouças Franco de turma e de propósitos através dos instrumentos da educação, agradeço a solidariedade e companheirismo no ingresso ao programa, no percurso e para além deste.

Agradeço a professora Socorro Regina de Souza Conrado pela tradução do inglês e a Álvaro Cardoso de Souza pela revisão do português dessa tese.

Se casamento quase perfeito existe, Biriba e eu somos uma prova. Ex-dançarinos da mesma companhia, pelejamos na mesma estrada da educação, arte e culturas tradicionais brasileiras, e somos professores da mesma universidade. Assim, ele me apóia e eu a ele. Muito obrigada, Biriba.

Cada filho é uma Universidade! Raína, criada entre camarins, espetáculos e minha trajetória na UFS; Raissa, entre salas de dança e a especialização na Escola de Dança da UFBA; Tainan, nos treinos e aulas de capoeira e na feitura desta tese. Muito obrigada filhos, vocês já nasceram mestres...

Tenho duas mães, dona Maria Augusta de Souza Conrado, que poucos conhecem; professora que iniciou a educação no Território de Roraima e disse: "foi-se o tempo que professor era respeitado como autoridade; não quero que nenhum filho siga minha profissão...". Seu exemplo de professora foi maior entre seus filhos. Amélia é professora de Educação Física, Socorro é professora de Inglês, Margarete é professora de Educação Física, Silvana é professora de Educação Artística, Aldrin é professor de Educação Física; somente Geralgusta seguiu Psicologia, e Marialda, Arquitetura. Muito obrigada a essa "didática" família. Sr. Geraldo Conrado (*in memoriam*), meu pai, militar, queria ser professor de Matemática.... e Mãe Hilda Jitolu, esta é famosa, tem inúmeros filhos, foi indicada ao prêmio Nobel da Paz em 2005. Estou certa que fui bem nascida... Obrigada!

Só quem pode agradecer à Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos de Mestre Curió, ao Bloco Afro Ilê Aiyê, ao Ilê Axé Jitolu, ao Balé Folclórico da Bahia e à Universidade Federal da Bahia, são os deuses; por isso, peço a Ogum e Iansã para intermediarem meus agradecimentos, porque, pequena sou eu.

Hildete Santos Lima (Dete Lima), Hildelice Benta dos Santos, José Carlos Arandiba (Zebrinha), Jaime Martins dos Santos (Mestre Curió), Lucinete Araújo, Valdelice Santos de Jesus (Mestra Jararaca), Edva Gomes, Raimundo César Almeida (Mestre Itapoan), entre outros ilustres que disponibilizaram suas

falas, seus conhecimentos e experiências para enriquecer e construir as reflexões deste trabalho, muito obrigada.

Aos colegas professores e funcionários do Departamento de Educação Física, aos professores e funcionários do Programa de Pós-graduação em Educação, nossos alunos, muito obrigada.

Agradeço à senhora Selma Maria Leal do setor de documentação da Câmara Municipal de Salvador pela sua presteza e auxílio junto aos arquivos e documentos jurídicos.

Ao povo afrodescendente e ao indígena de onde me origino, estão aqui a minha, a tua, a nossa trama escrita, marcadas, para somar à luta pela libertação e direitos plenos da mulher, do negro, do índio e daqueles que são injustiçados socialmente, Obrigada.

Aos ensinamentos e inspiração das mestras e mestres do passado e do presente, que erguem e mantêm uma rica e determinada cultura brasileira, muito obrigada.

## RESUMO

A tese *Capoeira Angola e Dança Afro: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia* desenvolveu-se através do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, na linha de pesquisa Políticas e Gestão da Educação. Tem por objeto, o estudo da *Capoeira Angola* e da *Dança Afro*, suas ações pedagógicas como meio de educação, profissionalização e formação. A opção pelo tema é devido à minha afinidade, inserção e constatação pela prática pedagógica, dos valores presentes nas expressões corporais que revelam um jeito de ser, de viver e de criar, traduzindo a história cultural de afrodescendentes articulados a núcleos culturais e ao movimento negro no Brasil. A compreensão da problemática em relação ao objeto de estudo, verificou como os conteúdos e os profissionais que trabalham com a *Capoeira Angola* e a *Dança Afro* podem ser incorporados a sistemas e programas de ensino em escolas e universidades na perspectiva de contribuir para uma Educação Multicultural. O caminho teórico-metodológico considero em construção, por existir carência de estudos voltados a fenômenos desta natureza; portanto, optei pela abordagem qualitativa, com suporte aos procedimentos da pesquisa-ação, da etnografia e da etnometodologia, para evidenciar falas, aspirações e maneira como os autores sociais se organizam, criam seus métodos e procedem. Os resultados do estudo revelam a existência de uma formação fora da universidade, construída e articulada a núcleos culturais afro-baianos, que contribuem para a formação de pessoas, em geral, em desprestígio e desvantagem social, por isso, precisam ser criadas condições de ampliação, manutenção e proteção através de ações afirmativas e políticas públicas. Assim, a perspectiva multicultural no campo da educação em nosso contexto, indica possibilidades para se intensificar relações de compartilhamento, trocas de saberes, tolerância e respeito aos conhecimentos das civilizações formadoras da nossa sociedade, considerando as formas de linguagem da expressão corporal, somando-se às demais linguagens educativas.

Palavras-Chave: Capoeira angola; Dança afro; Educação multicultural; Política pública; Ação afirmativa.



## ABSTRACT

The thesis : "Capoeira Angola and Afro Dancing: contributions to a multicultural education policy in Bahia "was developed by the Research and Post Graduation Program in Education at Federal University of Bahia, in the Political Education and Management research line. It aims at the study of Capoeira Angola and the Afro Dancing, its pedagogical actions as a means of education, professionalism and formation. The option for this theme is due to my affinity, insertion and testifying through the pedagogical practice of the present values on the body expressions which reveal a way of being, of living and creating translating the afrodescendent cultural history linked to cultural centers and to Brazil's black movement. The understanding of the problem relating to the studied object has verified how the content and the professionals that work with Capoeira Angola and Afro Dancing can be incorporated/inserted to teaching systems and programs in schools and universities on the perspective to contribute to a Multicultural Education. I consider the methodological-theoretical way of choosing it in a developing process due to the lacking of studies towards these phenomena of this nature; therefore, I have opted for the qualitative approach as a support to the procedures of the action-research, of the ethnography and of the ethnomethodology to evidencing speeches, aspirations and the way the social authors organize themselves, create their methods and proceed. The study's results reveal the existence of the formation out of university linked to and built in afrobaianos cultural centers that contribute to social disadvantages or prestige/underclass people's formation in general, therefore, the conditions for enlarging, maintaining and protecting need to be created through affirming action and public policy. Thus multicultural perspective in the education area in our context indicates possibilities to intensify relations of sharing, knowledge exchanging, tolerance and respect to our society forming civilizations knowledge considering the body expressions language forms adding to the other education languages.

Keywords: Capoeira angola; Afro Dancing; Multicultural Education; Affirming Action; Public Policy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Dança Afro na Escola Municipal de Tejipió (PE)	27
Figura 2	Estudo e coreografia de Dança Afro na Escola Estadual Rural de Vicência (PE)	27
Figura 3	Figura 3 - Aulas de capoeira, Maculelê e Dança Afro. Escola Municipal de Tejipió (PE)	28
Figura 4	Maracatu. Montagem coreográfica na Escola Municipal de Tejipió (PE)	28
Figura 5	Amélia Conrado no Samba do Balé Popular do Recife	28
Figura 6	Amélia Conrado nos Caboclinhos. Balé Popular do Recife	29
Figura 7	Curso de danças populares e afro-brasileiras na UFS (SE)	29
Figura 8	Espetáculo e fundação do Balé Primitivo da UFS (SE)	29
Figura 9	Alunos da Hora da Criança (BA), apresentando Frevo no Centro Histórico	30
Figura 10	Recriação do orixá Oxumaré na disciplina Dança Popular Regional III, na Escola de Dança FUNCEB (BA)	30
Figura 11	Recriação dos orixás Exu, Xangô, Oxum, entre outros na disciplina Dança Popular Regional III, na Escola de Dança FUNCEB (BA)	31
Figura 12	Curso de composição para monitores de dança no Ilê Aiyê (BA)	31
Figura 13	Turma de Capoeira I do Curso de Educação Física UFBA. Oficina de confecção de berimbau	32
Figura 14	Dançarino Reinaldo Pepe (Sopa), do Balé Folclórico da Bahia	38
Figura 15	Banca examinadora de qualificação, Dr <sup>a</sup> Maria de Lourdes Siqueira (UFBA), Dr. Edivaldo Boaventura (UFBA) e Dr. Kabengele Munanga (USP), (BA)	56
Figura 16	Recepção pelo professor Edivaldo Boaventura ao professor Kabengele Munanga	57
Figura 17	Amélia Conrado integrando diretoria da Associação Brasileira de Capoeira Angola na gestão de Mestre Curió	65
Figura 18	Seminário na Escola de Dança da FUNCEB. Participação do presidente do Ilê Aiyê, Antônio Carlos Vovô, da professora Amélia Conrado, da diretora da Escola Simone Najar e coordenadora Márcia Santiago	67
Figura 19	Dançarina Danda do Ilê Aiyê, interpretando música do repertório do Bloco Afro	67
Figura 20	Amélia Conrado e mestres de capoeira no Fórum em Salvador	68

Figura 21	Fórum de Capoeira em Salvador, para o Congresso Nacional de Capoeira em Brasília	68
Figura 22	Mulher do povoado quilombola da Mussuca (SE)	73
Figura 23	Dançarinas do Samba-de-Pareia em homenagem ao nascimento de uma criança	73
Figura 24	Figura 24 - Boi-bumbá no Bumbódromo em Parintins-Amazonas	74
Figura 25	Boi-bumbá da Amazônia, ancestralidade e elementos da modernidade	74
Figura 26	Amélia nas tribos indígenas do Boi-bumbá em Parintins-Amazonas	74
Figura 27	Araras, rios, florestas inspiram a criação dos Bois da Amazônia	74
Figura 28	Mãe Hilda Jitolu, recebendo homenagem de alunos da sua escola	105
Figura 29	Mãe Hilda Jitolu, fundadora da Escola Mãe Hilda e a primeira turma de alunos	106
Figura 30	Sede do Ilê Aiyê na Rua do Curuzu, bairro da Liberdade (BA)	108
Figura 31	Seu José Martins ou "Martins Malvadeza". Feira de São Joaquim (BA)	146
Figura 32	Seu Zé Martins e Mestre Curió na Feira de São Joaquim (BA)	147
Figura 33	Zé Martins aos 100 anos de idade, mostrando movimentos de capoeira junto ao seu filho Curió	149
Figura 34	Última participação de seu Zé Martins no Evento da ECAIG	150
Figura 35	Mestre Curió ensinando toques e cantos de berimbau na Fundação Araketo em Periperi	156
Figura 36	Samba Duro. Mestre Curió, Mestra Jararaca e Mestre Virgílio	162
Figura 37	Vicente Ferreira Pastinha, Mestre Pastinha	166
Figura 38	Mestre Pastinha e sua delegação de angoleiros. Embarque para o Festival de Arie Negra na cidade de Dakar	168
Figura 39	Alunos da ECAIG, junto à Mestra Jararaca	175
Figura 40	Mesa redonda do XVII Evento cujo tema <i>Capoeira Angola: elemento de educação e inclusão social rumo ao ensino formal</i>	177
Figura 41	Entrega de lembranças aos palestrantes e alguns alunos da ECAIG	179
Figura 42	Mestre Curió e crianças, no ritual de oferenda do Caruru a São Cosme e São Damião	180
Figura 43	Abertura do evento com a entrada das bandeiras trazidas pelas crianças	181
Figura 44	A religiosidade pela tradição da cultura da Capoeira Angola, mantida por Mestre Curió	182

Figura 45	Dança do Frevo por Raissa Conrado Biriba (lado esquerdo da foto) e Socorro Conrado (à direita) no XIII Evento da ECAIG	183
Figura 46	Alunos da ECAIG recebendo sua carteira e respectiva graduação	184
Figura 47	Participação da Capoeira Regional ao evento, em respeito e amizade, Mestre Nenel junto ao Mestre Curió	185
Figura 48	As crianças assumem a bateria e a roda de capoeira; os mestres jogam com elas	186
Figura 49	Nos eventos, se reúnem mestres para “vadiarem”, uns com os outros	187
Figura 50	Mestre João Pequeno e Mestre Curió, ex-alunos de Pastinha, continuadores da tradição da Capoeira Angola. Ao lado, o angoleiro Mestre Zé Pretinho	188
Figura 51	Mestre Curió em meio à reserva ecológica onde reside. Coisa de capoeira!	191
Figura 52	Jogo de Capoeira Angola entre Mestra Jararaca e Ricardo, à sombra da jaqueira	192
Figura 53	Momento em que capoeirista pára, e ajeita seu calçado ao pé do Berimbau	193
Figura 54	Jogo de capoeira Angola no bairro de Castelo Branco pelos alunos da ECAIG e Mestre Curió	194
Figura 55	Dona Odete, ex-aluna de Mestre Pastinha	199
Figura 56	Amélia aos seis meses de gravidez, jogando com sua colega de grupo	202
Figura 57	Valdelice Santos de Jesus, a Jararaca, primeira mestra angoleira da Bahia, junta-se à galeria de mestres	210
Figura 58	Mestra Jararaca jogando com Mestre Lua de Bobó	212
Figura 59	Mestre Bimba, criador da Luta Regional Baiana, depois chamada de Capoeira Regional	221
Figura 60	Professor Hélio Campos, Mestre Xaréu, demonstrando “Seqüência de Ensino de Mestre Bimba” junto aos alunos de Educação Física da UFBA	225
Figura 61	Inauguração do Ponto de Cultura de Capoeira Ginga e Malícia, bairro da Federação	230
Figura 62	Mestre Marinheiro, presidente da instituição de Capoeira Regional e seus alunos	230
Figura 63	Jogo de Capoeira Regional pelo Ponto de Cultura de Capoeira Regional Ginga e Malícia	230
Figura 64	Amélia Conrado e seu grupo “Frevo Bahia” no palco da Caminhada Axé. (BA)	234
Figura 65	Dançarino em exibição na África Equatorial	235
Figura 66	Cazumbá, personagem do Bumba-meu-boi do Maranhão	238

Figura 67	Dançarino do São Gonçalo do Amarantes, povoado da Mussuca (SE)	239
Figura 68	Samba-de-Pareia no Festival Cultural de Laranjeiras (SE)	241
Figura 69	Maracatu de Baque Solto na Cidade de Tabajara (Olinda-PE)	243
Figura 70	Indumentária do Caboclo de Lança no Maracatu de Baque Solto	243
Figura 71	Cacumbis de Laranjeiras (SE)	245
Figura 72	Rei do Maracatu de Baque Virado ou Maracatu Nação. Recife-PE	246
Figura 73	Rainha do Maracatu de Baque Virado ou Maracatu Nação. Recife-PE	246
Figura 74	Tambores da orquestra de Maracatu	246
Figura 75	Andor de São Benedito acompanhado por grupos de danças tradicionais em Laranjeiras (SE)	248
Figura 76	Aula de dança afro pelo coreógrafo e dançarino Augusto Omolu à Maracás Companhia de Dança ( BA)	252
Figura 77	Candidata à Deusa do Ébano do Ilê Aiyê	254
Figura 78	Candidata à Deusa do Ébano do Ilê Aiyê	254
Figura 79	Candidata à Deusa do Ébano do Ilê Aiyê	254
Figura 80	Oficina de Composição Coreográfica e Dança Afro no Ilê Aiyê	256
Figura 81	Capoeira no espetáculo do Restaurante Moenda. Direção: Mestre Vermelho de Pastinha	267
Figura 82	Dança dos Orixás; abertura do espetáculo no Restaurante Moenda	272
Figura 83	Mestre King, considerado precursor de um estilo de Dança Afro na Bahia	276
Figura 84	Mestre King ensina Dança Afro no Brasil e no exterior	277
Figura 85	Mestre King é dançarino, coreógrafo, músico percussionista e cantor	278
Figura 86	Diretor Zebrinha com coreógrafa Amélia Conrado, dirigindo a Rapsódia Nordestina do Balé Folclórico da Bahia	279
Figura 87	Samba-de-roda do Balé Folclórico da Bahia	283
Figura 88	Diretor Walson Botelho, Vavá, acompanhando produção e prova do figurino do Balé Folclórico da Bahia	284
Figura 89	Roupa das Baianas do Balé Folclórico da Bahia, criada pelo artista plástico e coreógrafo Ricardo Biriba	284
Figura 90	Ensaio e montagem coreográfica do Balé Folclórico da Bahia	287
Figura 91	Amélia Conrado, orientando elenco do Balé Folclórico em montagem coreográfica	289

Figura 92	Balé Folclórico na preparação profissional, forma dançarinos, músicos, cantores, coreógrafos, professores e técnicos de produção	292
Figura 93	Samba-de-roda do Balé Folclórico da Bahia	293
Figura 94	Maracatu, repertório da Rapsódia Nordestina. Coreografia de Amélia Conrado	294
Figura 95	Balé Folclórico da Bahia. Dança do Maculelê, coreografia de Walson Botelho	295

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b>	18
1	<b>“GALO JÁ CANTOU, JÁ RAIU O DIA, VOU DIZER A MEUS SENHORES, COMO FIZ ESTA VALIA...”</b>	23
1.1	A VALIA EM INVESTIGAR O CONTEÚDO EDUCATIVO NAS PRÁTICAS DA CAPOEIRA ANGOLA E DA DANÇA AFRO	23
1.1.1	<b>Situando de Forma Breve o Objeto</b>	26
1.2	A VALIA E OBJETIVO EM ESTUDAR EDUCAÇÃO A PARTIR DA CULTURA LOCAL	36
1.2.1	<b>Superação do Paradigma Educacional Monocultural pelas Classes Populares através de Outros Projetos</b>	40
1.2.2	<b>A valia do Foco Central: Uma Questão de Acesso e Permanência para Uma Possível Mobilidade Social</b>	43
1.3	A VALIA DA MINHA, TUA, NOSSA FALA NA TRAMA TEÓRICO-METODOLÓGICA	46
1.3.1	<b>Tracei Caminhos pelo Qualitativo porque Aprecia o Modo de Ser de Cada Coisa</b>	61
1.3.2	<b>Aqui Povo e Pesquisador Fala e no Corpo-a-corpo Erguem o Patrimônio</b>	66
1.3.3	<b>Onde Existe Magia, Objeto Mexe, Fotografia Fala e Chão é Sagrado</b>	72
2	<b>“ VOCÊ NÃO SABE O QUE PODE FAZER O NEGO, TROCA CANETA PELO PÉ E PÉ É EDUCAÇÃO”</b>	78
2.1	EDUCAÇÃO OFICIAL EM VIGÊNCIA: HISTÓRIA E TRANSMISSÃO DOS PENSAMENTOS PEDAGÓGICOS EURO-CÊNTRICO E MONOCULTURAL	79
2.2	CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO AFRO-BRASILEIRO SUBSIDIADO POR ESTUDOS AFRICANOS CONTEMPORÂNEOS	98
2.2.1	<b>Iniciativas Através dos Movimentos Sociais, dos Dirigentes Municipais e Estaduais por</b>	

	<b>Aprovação de Leis e Algumas Ações</b>	102
2.2.2	<b>Ações Afirmativas pela Comunidade Negra Baiana</b>	104
2.2.3	<b>Revelando e Analisando Leis Federais, Estaduais e Municipais Sobre a Questão Racial</b>	119
2.3	<b>EDUCAÇÃO MULTICULTURAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA: POSSIBILIDADES QUANDO "PÉ É EDUCAÇÃO"</b>	133
3	<b>"POR FAVOR, NÃO MALTRATE ESSE NEGO, FOI ELE QUEM ENSINOU, DE CALÇA RASGADA, CAMISA FURADA, ELE É MEU PROFESSOR"</b>	138
3.1	<b>RE-VISÕES PARA UM PENSAMENTO HISTÓRICO SOBRE CAPOEIRA NO BRASIL</b>	139
3.1.1	<b>Morre "Martins Malvadeza" aos Cento e Cinco Anos Levando História que Poucos Conhecem</b>	145
3.2	<b>CAPOEIRA ANGOLA: ESCOLA MATRIZ DE FORMAÇÃO NA BAHIA</b>	153
3.2.1	<b>Mestre Curió Responde: Ser Angoleiro e Criador de Uma Escola</b>	154
3.2.1.1	<b>Retirando Ensinamentos e Explicações Através da Vivência de Curió</b>	160
3.2.1.2	<b>Metodologia de Ensino da ECAIG</b>	169
3.2.1.3	<b>Os Eventos: Continuidade da Tradição de Pastinha</b>	172
3.2.1.4	<b>A Escola de Mestre Lua de Bobó Vista Numa Visita de Confraternização</b>	190
3.2.1.5	<b>Jaracaca: Primeira Mestra Angoleira e a Questão da Mulher na Roda-mundo da Capoeira</b>	195
3.3	<b>CONTEMPORANEIDADE NA CAPOEIRA: USO TURÍSTICO, MERCADO DE BENS, OBJETO DE EXPORTAÇÃO E MODALIDADE "ESPORTIVA"?</b>	216
3.3.1	<b>A Regional: Uma Capoeira da Modernidade e Esportivização</b>	219
4	<b>"QUE QUER OYÁ? CONHECER E APRENDER, SOMENTE ISSO. DANÇAREI PRA VOCÊ A DANÇA DOS VENTOS..."</b>	232
4.1	<b>AFROS DANÇAM, ESPALHANDO VENTOS HISTÓRICOS NO BRASIL</b>	235



4.2	VENTOS SOPRAM DANÇA E AFROS MUDAM DE POSIÇÃO	251
4.2.1	Dança do Ilê Aiyê, Sopra Sonho, da Futura Escola de Dança ou da Escola de Dança do Futuro?	253
4.2.2	Ser "Deusa do Ébano", Leva a Empoderamento de Mulher Negra	260
4.2.3	Vermelho de Pastinha e Edva Gomes Difundem Espetáculos Para-folclóricos	265
4.3	ESCOLAS DE DANÇA AFRO, SEMENTES PLANTADAS NA DISPERSÃO	274
4.3.1	Zebrinha, o Mestre de Dança que Lapida Corpos Adormecidos para Brilhantes Corpos Dançantes	279
4.3.1.1	A Metodologia de Ensino de Zebrinha	285
5	ADEUS CORINA, DÃO...DÃO, COMO JÁ DISSE QUE VOU, MAS PROSSEGUE O BERIMBAU, UM AMIGO DE QUEM SOU	298
	REFERÊNCIAS	303

## INTRODUÇÃO

Esta tese de doutorado tem por objeto de pesquisa a *Capoeira Angola* e a *Dança Afro* e suas ações pedagógicas como possibilidades para construção de políticas de Educação Multicultural em Salvador-Bahia. Foi desenvolvida através da Linha de Políticas e Gestão da Educação (NPGE) do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (PPGE/UFBA).

A diferença nesta perspectiva está na valorização da comunicação expressiva de heranças africanas no território brasileiro, como instrumento de educação, podendo interagir com linguagens escrita, digital, e outras presentes no contexto atual. Todavia, retirando dessas tradições, princípios de formação de sujeitos que partem da alegria de viver, da solidariedade, da identificação, do gosto, da beleza, do poder de enfrentamento, da distribuição de benefícios, traduzidos em conteúdos de histórias, danças, jogos, cantos, ritmos, mitos, ensinamentos que, juntos, são sabedorias que extrapolam o plano material, mensurável, exato.

Em nossa realidade, a negação no sistema escolar dessa referência ainda continua sendo um fator, pelo qual os conteúdos são distanciados das identidades culturais de grupos significativos que constituem os povos brasileiros.

Devido a isso, os motivos que me levam a tratar especificamente este tema é o respeito que tenho pelo patrimônio imaterial dessa herança africana que, inegavelmente, vem conduzindo formas diferentes de enfrentamento na vida. Depois, as experiências bem sucedidas a partir da aplicação e afirmação positiva desses conhecimentos para a melhoria de pessoas, tanto as que estão expostas à situação de risco social, como para as que não; é uma garantia, um reconhecimento, uma valorização de determinada cultura e forma de educação.

Além do respaldo que vem da minha trajetória profissional ligada a essa prática pedagógica, estudo e pesquisa que acumula formação no estado de Pernambuco como professora de Educação Física (UFPE, 1984), dançarina do Balé Popular do Recife (1984-1987), participante de cursos e oficinas do Balé Primitivo de Arte Negra de Pernambuco (1984-1986), sendo estas companhias minha base em termos de escolas de dança, também professora da Rede Municipal e Estadual (1984-1990); em Sergipe, professora substituta na Universidade Federal de Sergipe (UFS, 1989-1990) e fundadora do Balé Primitivo da UFS (1990-1992).

Seguindo para a Bahia, me especializei em *Coreografia* pela Escola de Dança da UFBA (1992), atuei como professora da Rede Estadual de Ensino, me formei Mestre em Educação (UFBA-1996), integro a Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos de Mestre Curió (ECAIG), o Bloco Afro Ilê Aiyê e o Terreiro Ilê Axé Jitolu, desde 1997; além disso, sou professora do Curso de Educação Física da Universidade Federal da Bahia, a partir de 1997, quando fui aprovada em concurso público para a disciplina *Metodologia de Ensino da Educação Física: área de estudos em capoeira*, do que muito me orgulho, por dois motivos: é uma disciplina que trata da cultura afro-brasileira, depois, pela predominância do ensino da capoeira ser do sexo masculino, nesta instituição, passar a ser desenvolvido por uma mulher negra, e isso faz diferença. Por fim, pela opção de fincar-me em terras da Bahia, sem perder de vista meu natural dos territórios indígenas Macuxis, em Roraima.

Portanto, a tese é a continuidade e nova direção do que produzi no mestrado em Educação sobre *Danças Étnicas Afro-baianas* como formas de educação, presentes através dos núcleos culturais de matrizes africanas na Bahia: Terreiros de Candomblé, Afoxés, Capoeira, Blocos Afro, Grupos e Companhias de Dança Afro e algumas escolas. Para maior compreensão, existe no senso comum, terminologias que identificam as formas culturais, então, entre as Danças étnicas afro-baianas, debruço-me agora no detalhamento específico da *Capoeira Angola* e da *Dança Afro*, sendo esta a expressão sistematizada por algumas escolas e grupos artísticos; e assim é como denominam os autores sociais.

Justifico tal propósito, porque, no âmbito das universidades, as investigações científicas na área da educação necessitam ampliar e incluir categorias fundamentais para se compreender os problemas brasileiros, que passam por questões de gênero, etnia, classe, cultura, entre outros. Atualmente, a multiplicidade de vozes de sujeitos ou categorias sociais, até então "silenciadas", articuladas a movimentos organizados, busca reparações e superações, e é neste entendimento que esta tese exerce sua função e justificativa social, porque é um instrumento de intervenção por evidenciar as vozes e as ações rotineiras desta coletividade para disponibilizar publicamente em forma de estudo e pesquisa.

Vivencio um momento em que as lutas por reparações estão mexendo com a sociedade ampla, e isto causa mal-estar para quem vive em estado de comodidade. É uma tentativa de chamar a atenção e dividir a responsabilidade junto

a cada cidadão; para isso, as formas de ação estão mais bem definidas, já apontando alguns avanços - e o caminho da educação é meta fundamental, através da reconstrução de valores sociais, ampliação de referenciais, compreensão da historicidade, respeitando o singular, o diverso, o plural em cada contexto, buscando o bem-estar social que passa pela recuperação de princípios humanitários.

Acreditando nisso, é que o objetivo da tese é estudar como os saberes das manifestações da expressividade corporal negra na Bahia, a *Capoeira Angola*, a *Dança Afro* e os profissionais dessas culturas podem contribuir para uma *educação multicultural* na direção de políticas públicas em gestão de participação democrática; além disso, aprofundar concepções de *políticas públicas e ações afirmativas* a partir de autores que abordam o tema, da população estudada e minhas convicções.

A pertinência dessa discussão é certa de que a pesquisa científica pode e deve contribuir na análise de fenômenos sociais, aproximando a universidade dos problemas do cotidiano que precisam ser priorizados. Nessa direção, há uma convocação mundial entre instituições e países para reunir esforços; um exemplo disso foi, dentre os diversos acontecimentos internacionais, a *III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*, evento considerado um dos mais importantes do final do século XX, ocorrido em Durban, África do Sul, em 2001.

Este encontro reafirmou a urgência da tomada de providências por todas as nacionalidades, no sentido de erradicar a pobreza, principalmente em áreas nas quais as pessoas são vítimas de discriminação racial, racismo, xenofobia e intolerância correlata, aonde medidas de proteção que objetivem a promoção dessas sejam prioridades, e a cooperação entre os povos seja responsabilidade e compromisso de instituições, chefes de estados e de todas as pessoas.

Diante dessas referências que justificam a relevância do estudo, a questão central que norteia esta discussão buscou verificar como os conteúdos e os profissionais que trabalham com as manifestações de expressividade corporal afro-baianas, a *Capoeira Angola* e a *Dança Afro* podem ser incorporada ao sistema e programas de ensino em escolas e universidades, na perspectiva de contribuírem para uma educação multicultural.

Essa problemática surge de necessidades fundamentais da sociedade de implementação de uma ação coletiva e afirmativa em prol da mobilidade social positiva e a eliminação do preconceito racial e a discriminação.

Este é o desafio do estudo, para defender tais proposições, articulei uma literatura e uma metodologia que considero relevantes e em construção, pois buscam caminhos diferentes, tanto na opção de objeto científico como de procedimentos. Portanto, no suporte para as discussões acerca de Políticas Públicas e Ações Afirmativas está Munanga (2001; 1996), Boaventura (1996), Gomes (2001), Santos (2000), Henriques (2001); Movimento Social, Stavenhagen (1994), Touraine (1994); Educação e Multiculturalismo, D'Adesky (2001), Saviani (2003), Gadotti (2001), Silva (2003); Ancestralidade e expressividade corporal africano-brasileira, Siqueira, (1996), Nóbrega (1991), Conrado (1996), Rego (1968), entre outros. Referente à pesquisa participante, Brandão (1986); pesquisa-ação, Thiollent (1981; 1980) e a etnometodologia, Coulon (1995), Heritage (1999), que se entrelaçam fundamentando no decorrer de todo texto.

O trabalho está desenvolvido em quatro capítulos, que têm nomes próprios, ritmo diferenciado, percursos variados; porém constituem uma única matriz.

O primeiro capítulo apresenta o objeto, o valor em investigar o conteúdo educativo nas práticas da *Capoeira Angola* e da *Dança Afro*, sendo estas expressão de um movimento social cujas contribuições podem constituir possibilidades para uma política de educação; por isso, segue-se a justificativa, objetivo, a questão central e pressupostos do estudo, e o referencial teórico-metodológico para consubstanciar a argumentação.

O segundo capítulo traz a questão da Educação e Políticas de Ação Afirmativa, fazendo uma verificação dos pensamentos pedagógicos euro-cêntricos, mono-cultural que influenciaram e influenciam um modelo educacional no Brasil. Contrapondo a esse modelo, iniciativas educacionais oriundas em espaços socio-culturais da comunidade afro-baiana, que traduzem um pensar e agir pedagógico mais interativo, dialógico, multifacetado, o que pode constituir como elemento para uma abordagem educacional multicultural. Somando a isso, verifica-se que ações afirmativas estão se dando nas instâncias legais, no nível municipal e estadual.

Já o terceiro capítulo revela a Capoeira e sua trajetória de "arma" para fuga do cativo, para a luta, frente ao mercantilismo contemporâneo. Um exemplo para protagonizar esse fenômeno é o núcleo cultural, Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos de Mestre Curió (ECAIG), fundado por um militante expressivo da tradição da Capoeira Angola na Bahia, o Mestre Curió. Segue-se a representação das duas importantes escolas de formação na Bahia, a *Capoeira Angola* e a

*Capoeira Regional*, considerando as emergentes, cumprindo seu papel social e apontando caminhos de educação.

O quarto capítulo trata da *Dança Afro*, cujo foco de análise é o seu conteúdo ontológico, histórico, filosófico, identitário, educativo nas diferentes escolas que formam nesta especificidade; destaco a experiência do Grupo de Dança do Bloco Afro Ilê Aiyê e do Balé Folclórico da Bahia como referências.

Por fim, ao enveredar e olhar atentamente à dinâmica dessas expressões, ressaltando o que pensam seus autores, como agem, criam e transformam, surgem algumas pistas que somam às perspectivas de educação multicultural em nosso contexto.

## **1. "GALO JÁ CANTOU, JÁ RAIU O DIA, VOU DIZER A MEUS SENHORES, COMO FIZ ESTA VALIA"**

Anuncio aqui o objeto, a construção deste estudo, que se materializa, expressando vozes de um coletivo na contemporaneidade, mostrando seu valor, e este é o desafio, a "valia", através do tema investigado, dos motivos da escolha, dos objetivos pretendidos, do foco central e pressuposto básico, do referencial teórico-metodológico, que para explicitá-los, utilizei frases ou versos de cantos ou pensamentos da própria linguagem da cultura na qual me refiro, para intitular este e os demais capítulos, legitimando sua identificação tanto na academia, como fora dela.

### **1.1 A VALIA EM INVESTIGAR O CONTEÚDO EDUCATIVO NAS PRÁTICAS DA CAPOEIRA ANGOLA E DA DANÇA AFRO**

A tese, por intermédio da análise da expressão de um movimento social, discute as ações pedagógicas exercidas por instituições socioculturais que trabalham na perspectiva da educação através da dança e da capoeira, retirando suas contribuições como possibilidades de referências para uma política de educação democrática em Salvador. Estou convicta de que, para ser "democrática", a educação precisa, de fato, tratar dos interesses de todas as classes sociais indistintamente, o que dá o poder de pertencê-las e, portanto, estarem representados dentro dela. Como os interesses de todos os cidadãos ainda não estão contemplados, os movimentos sociais estão trabalhando para tal.

Por esse interesse, evidencio iniciativas que vêm sendo implementadas por conquistas alcançadas pelo Movimento Negro no Brasil, junto aos poderes públicos na direção de uma melhoria, inclusão e ascensão das pessoas em desvantagem no nosso meio social.

Para se chegar à compreensão do objeto investigado, é imprescindível identificar alguns conceitos fundamentais, explicados com o auxílio de teorias sociológicas, antropológicas, educacionais e outras, por se tratar de questões que envolvem o sujeito em ação no contexto.

Como estou tratando da análise de fenômeno social, sua natureza é complexa, por isso, apóio-me em perspectivas científicas de atualização permanente, de visão ampla, conduzida pela historicidade e a serviço do bem-estar social de maneira eqüitativa. Dessa forma, aproprio-me do que, Touraine (1994) definiu como sendo *movimento social*, que parte de condutas coletivas oriundas de crise organizacional, tensões institucionais, protestos modernizadores. Inicialmente, pode ser definido como “a ação conflitante de agentes das classes sociais lutando pelo controle do sistema de ação histórica” (TOURAINÉ, 1994, p. 335).

Em relação aos sujeitos abordados nesta tese, o campo de conflito é acionado por afrodescendentes que reivindicam através do Movimento Negro, sendo este representativo de uma coletividade, condições justas de mudança da situação de desprestígio e desigualdade a que trabalhadores e desempregados estão submetidos. Por conta disso, esta investigação trata do campo de conhecimento de núcleos de Capoeira Angola e de Dança Afro na Bahia, verificando o que oferecem de benefícios à educação, à cultura, à luta de combate ao racismo, à preservação da arte, do patrimônio, da formação das pessoas, da transformação social, entre outras evidências.

Ressalto que para se perseguir políticas educacionais de soberania popular, é preciso que as gestões administrativas exerçam democracia; nesse sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394), dentre os princípios e fins da Educação Nacional, está a *gestão democrática* do ensino público, na forma da lei e da legislação dos sistemas de ensino, estes são responsáveis por:

[...] definir as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: I-participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; II -participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (SAVIANI, 2003, p.168).



Uma vez garantida por lei federal, tanto os estados como municípios estabeleceram as estruturas de suas gestões.

Os estudos de Boaventura (1996), *A Educação nas Leis Orgânicas dos Municípios Baianos*, constataram que houve avanços nos sistemas municipais, a partir da inovação da Carta de 1988, antes desta, as alterações se davam apenas no plano administrativo, posteriormente, os municípios criaram normas e puderam estabelecer políticas, conquistando autonomia.

A nova proposta de gestão ampliou no nível do sistema e da unidade escolar, obtendo a participação do Conselho Municipal de Educação, colegiados escolares, realizando eleições diretas para diretores e vice-diretores, renovando currículos, disciplinas, atividades, definidas conforme as necessidades e especificidades de cada localidade.

Com base nas mudanças da lei, leva-me a entender e conceituar *gestão democrática* como o exercício de uma administração de natureza popular que garante o direito de escolha através do voto e da consulta permanente aos sujeitos ligados direta ou indiretamente ao processo, para a construção, definição e execução de interesses comuns, então, é nessa perspectiva que concebo democratização da educação.

Consciente da amplitude do objeto em questão e da carência de pesquisas voltadas para esse foco, saliento que todo espaço e processo que tratem da questão racial negra no Brasil, se dá com resistência, seja pelas pessoas que são envolvidas, seja pelas instituições públicas e privadas que são acometidas pelo racismo, ou mesmo, pela dificuldade de diálogo entre os próprios autores sociais. Por tal constatação, é necessário ser contemplado nas escolas brasileiras nos diferentes níveis de ensino e nas universidades, essa questão, através de seus cursos, programas de pesquisa, no currículo, na extensão, na produção científica e na adoção de políticas públicas e ações afirmativas.

Assim, opto como sujeitos desta pesquisa, pessoas que trabalham na cidade de Salvador, estado da Bahia, no ensino-aprendizagem da *Capoeira Angola* e da *Dança Afro*, entendendo ser estas, o que propus chamar de *Danças Étnicas Afro-baianas* a partir do meu estudo de Mestrado em Educação, concluído em 1996.

Portanto, *Danças Étnicas Afro-baianas* é o conjunto de expressões da arte corporal de herança africana na Bahia, seja na dimensão religiosa, nos

processos pedagógicos desenvolvidos em escolas, nos grupos artístico-culturais. Entre elas estão as *danças rituais dos terreiros*, a *capoeira*, a *dança dos Blocos Afro e Afoxés*, o *Samba*, as *danças de Rua*, as danças tradicionais atribuídas como “folclóricas”, “populares” a exemplo do *Nego-Fugido*, *Zambiapunga*<sup>1</sup>, a *Congada*, *Chegança dos Mouros*, o *Coco*, o *Cacumbi*, entre tantas outras e a denominada “Dança Afro” ou “Afro-contemporânea”, aquela recriada, incorporando outros códigos apreendidos em escolas ou grupos de dança.

Consciente das adversidades existentes no percurso histórico em nossa sociedade para continuidade dos costumes e tradições, os sujeitos afrodescendentes criaram diversas estratégias de escamoteação, adaptações, recriações para sua proteção e de sua cultura, o que, para explicar hoje, tal complexidade e recolocar uma nova compreensão social sobre estas, é a “valia”, é o meu desafio.

### 1.1.1 SITUANDO DE FORMA BREVE O OBJETO

As instituições de *Capoeira Angola* e *Dança Afro* constituem núcleos de resistência da cultura negra que preza pela manutenção de seus valores e conteúdos, cumprem relevante papel social pelos seus instrumentos e sabedoria própria, educando crianças, adolescentes, jovens e adultos na perspectiva de proporcionar oportunidades de ascensão social.

Para sua própria defesa, passaram por diferentes períodos de maneira retraída, para manobrar suas forças e proteger-se, frente a uma difícil batalha, na atualidade, reposicionam-se e mostram-se ampliando seu espaço e poder de enfrentamento, dentre alguns, é a inserção como proposta de ensino junto à escola formal, o que vêm acontecendo de maneira incipiente.

Essas expressões afro-brasileiras são importantes instrumentos pedagógicos devido ao que trazem nos seus princípios históricos, filosóficos, étnicos, técnicos, criativos, educacionais, possíveis de colaborar na construção de uma consciência crítica de sujeitos sociais mais participativos.

Advogo a esse propósito pela experiência, convivência, estudo e pesquisa junto a importantes instituições e núcleos culturais afro-brasileiros, há 22 anos,

---

<sup>1</sup> No livro de Nélson de Araújo, 1986, (p.256-258), ele explica a origem do nome e as diferentes formas que foi sendo registrado, “Zabiapunga”, “Zamiapunga”.

comprovados através da minha carreira profissional que articula formação como professora, ex-dançarina, coreógrafa, capoeirista angoleira, mestra em educação, investigando e aprofundando o campo e a proposta no nível deste doutoramento.



Figura 1. Dança Afro na escola. Estudo, pesquisa e montagem coreográfica intitulada *Da África Mãe aos dias de hoje* desenvolvidos pelos alunos da Escola Municipal de Tejipió-PE, com a professora Amélia Conrado da disciplina de Educação Física e Educação Artística em 1986. Arquivo: Amélia Conrado



Figura 2. Estudo, pesquisa e coreografia de dança afro com alunas da Escola Estadual Rural de Vicência – Pernambuco (1986). Arquivo: Amélia Conrado



Figura 3. Aulas de capoeira, Maculelê e Dança Afro aos alunos da Escola Municipal de Tejió PE, 1987 por Amélia Conrado



Figura 4. Cômico de Maracatu Africano. Estudo, pesquisa e montagem coreográfica com alunos da Escola Municipal de Tejió, 1988. Recife PE



Figura 5. Atuação de Amélia Conrado na coreografia de Samba no Balé Popular do Recife (1985/1988). Arquivo: Amélia Conrado

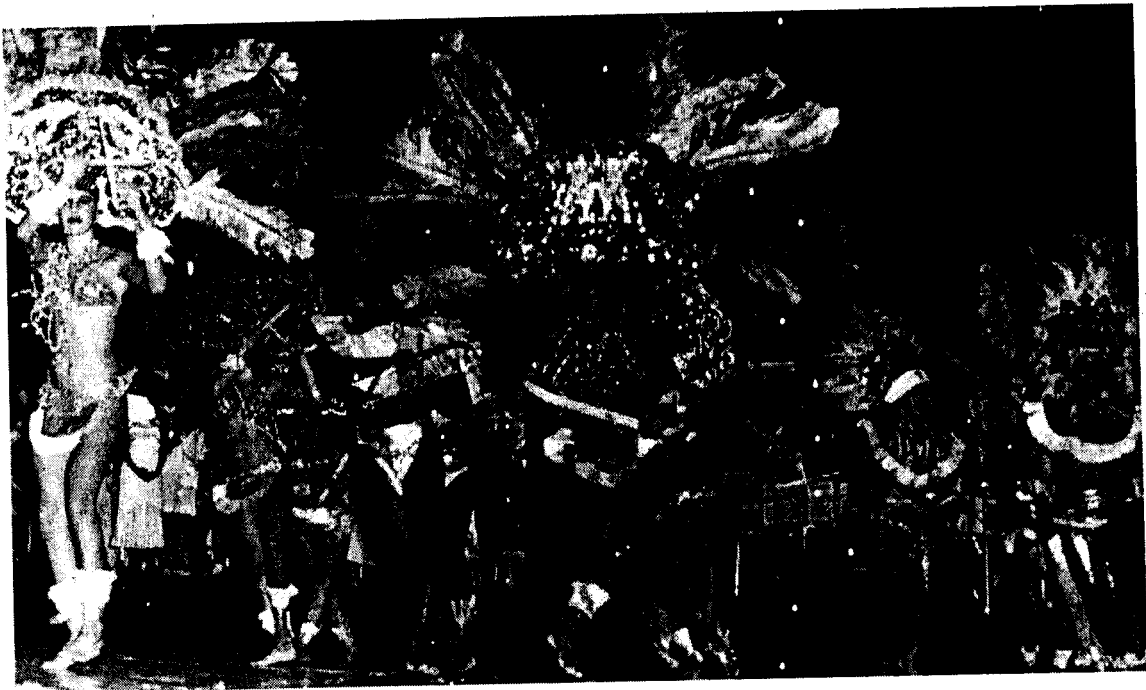


Figura 6. Atuação de Amélia Conrado na Dança dos Caboclinhos no Balé Popular do Recife (1985/1988). Arquivo: Amélia Conrado



Figuras 7 e 8. Curso de danças populares e afro-brasileiras para estudantes universitários, resultando na fundação do Balé Primitivo da Universidade Federal de Sergipe por Amélia Conrado e Ricardo Biriba em 1990. Arquivo: Amélia Conrado

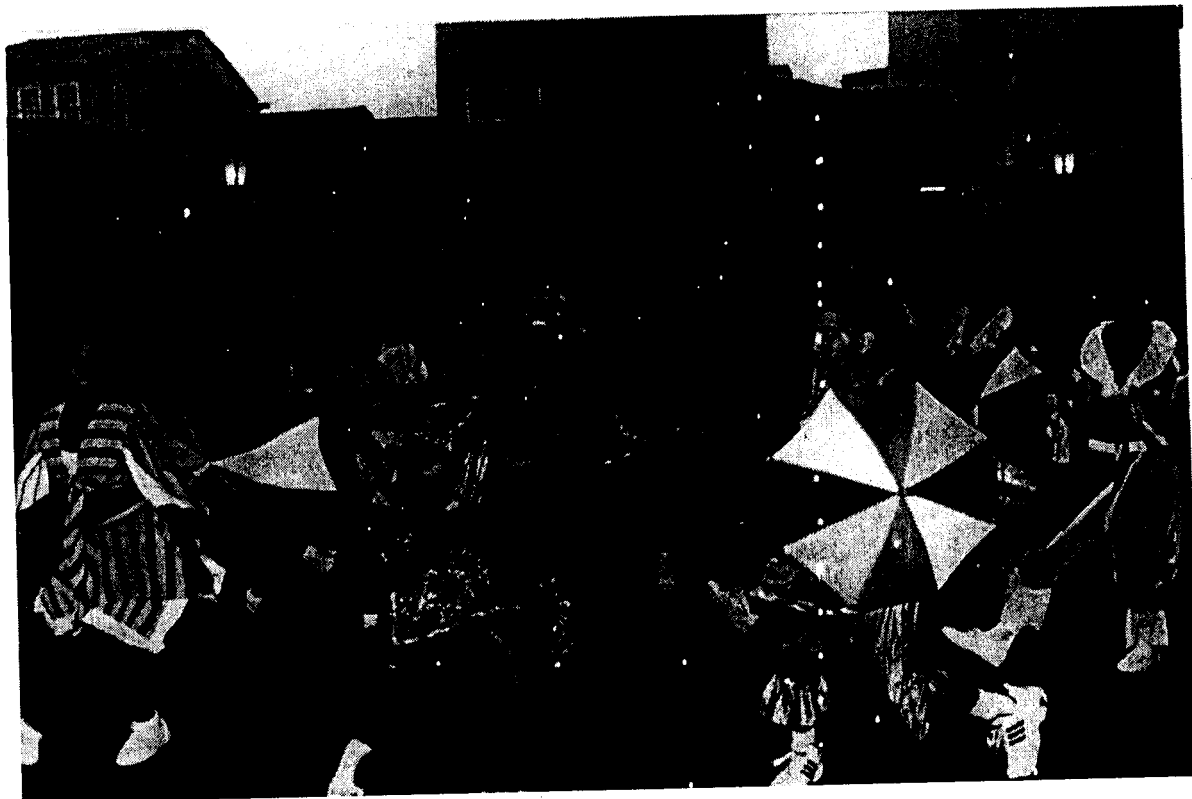


Figura 9. Alunos do Centro de Arte Hora da Criança (Salvador-BA), apresentando Frevo no Centro Histórico com sua professora (1994). Arquivo: Amélia Conrado



Figura 10. Trabalho artístico de recriação do orixá Oxumaré por Clóvis Klayderman na disciplina Dança Popular Regional III, ministrada por Amélia Conrado na Escola de Dança FUNCEB (2002).



Figura 11. Trabalho artístico de recriação dos orixás Exu, Xangô, Obá, Oxum, Oxumaré, Obaluaê, dentre outros, na disciplina Dança Popular Regional III, ministrada por Amélia Conrado na Escola de Dança FUNCEB (2002).

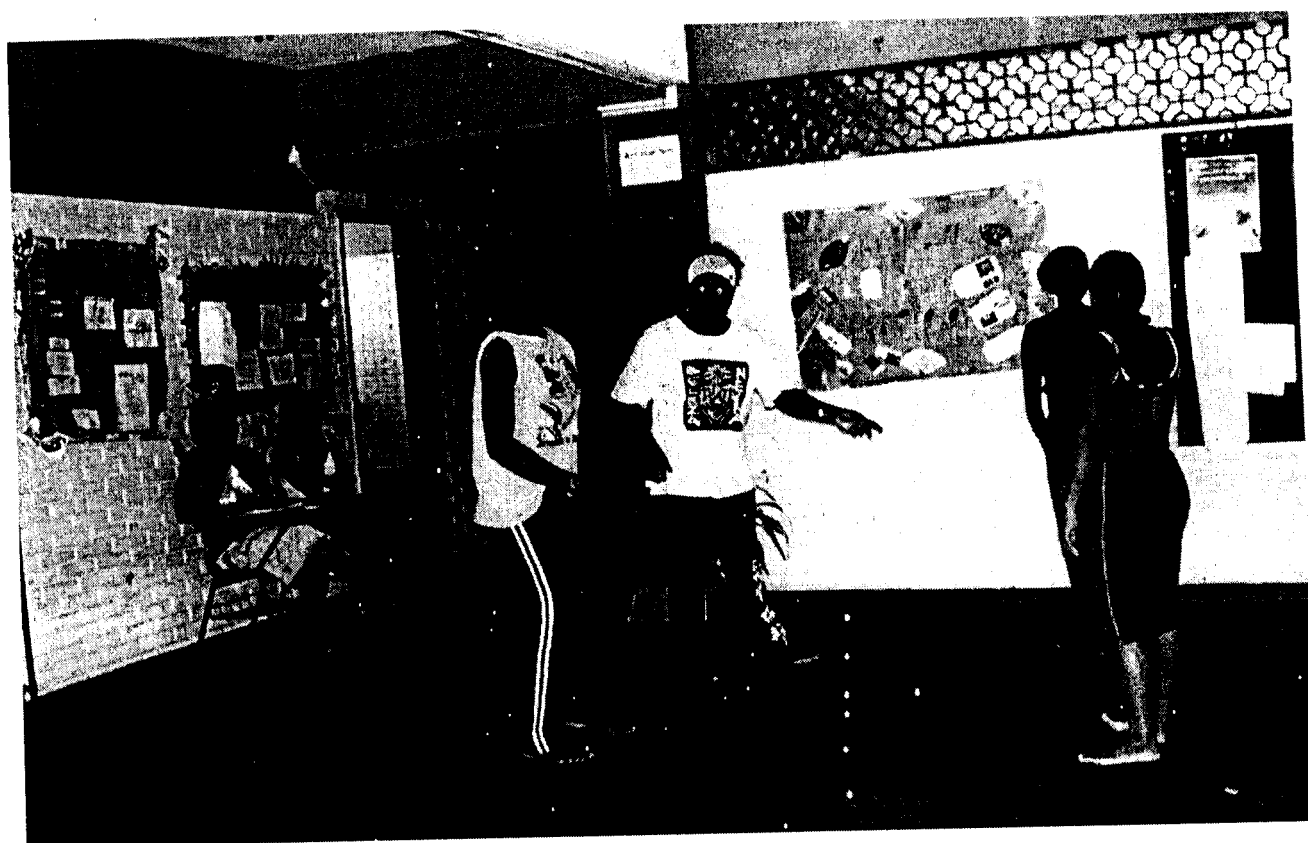


Figura 12. Curso de composição coreográfica para monitores de dança do Ilê Aiyê e comunidade, em 2003. Arquivo: Amélia Conrado



Figura 13. Turma da disciplina Capoeira I do Curso de Educação Física UFBA, junto à professora Amélia Conrado, na oficina de confecção de berimbau, ministrada pelo capoeirista e ex-aluno do curso, Benilton em 2002. Arquivo: Amélia Conrado.

Dentre os valores que resultam da cultura das *Danças Étnicas Afro-baianas*, está a inserção que esta promove, ao lado de quem a pratica, situando a pessoa num outro referencial de conhecimentos que não são ensinados em geral na educação das famílias, na rede escolar oficial, não são veiculados em canais de comunicação de massa, porém mantidos na contemporaneidade, como uma resistência cultural através de alguns núcleos que alimentam e inspira produções no campo das artes, cultura, comunicação, em diretrizes da educação, devido às ações de seus movimentos sociais de afirmação étnico-cultural que exigem a incorporação da diversidade.

Também na ampliação de relações sociais, na medida em que o praticante passa a conviver e integrar um grupo, participando de aulas, treinos, atividades sociais comemorativas, em rodas interativas de capoeira, quando são protagonistas/atores de obras cinematográficas de cunho educacional ou cultural, musicais, coreográficas, literárias ou outras, ao estabelecer diálogo entre grupos de mesmo cunho social, como projetos, companhias, escolas e academias que, no cotidiano, tanto trocam elogios de reconhecimento, quanto críticas entre si, o que é mais freqüente e isso é legítimo, é uma forma de controle, enquanto uma comunidade específica.



Nas trocas se incluem convites para participação de seus eventos, batizados, seminários, rodas, espetáculos. Nessa relação, observei que quando esta cultura é ameaçada por alguma política adversa, regulamentações arbitrárias que venham comprometer a autenticidade coletiva, lutam juntos, apesar das diferenças e desavenças.

No que se refere à dimensão de pertencimento, a atribuição de uma nova identidade quando o praticante torna-se um “capoeira”, um “capoeirista” tem um significado social, no nível emocional, pessoal e coletivo, o que para este, proporciona crescimento de sua auto-estima, do orgulho de ser parte de um grupo específico pelo que é valorizado enquanto pessoa, que sabe um determinado conhecimento e que atualmente, muitos procuram ou vêm buscá-lo.

Em correspondência, o mesmo acontece no âmbito da religião do Candomblé, por exemplo, quando de participante na qualidade de “abiã”, passa a iniciado, “iyawô”, recebendo seu nome em ritual.

A Capoeira Angola e a Dança Afro criam e propõem outras formas de trabalho, seja através do ensino, na fundação de grupos, escolas e academias, seja na participação em espetáculos voltados à cultura tradicional/contemporânea brasileira, na produção de artefatos próprios dessas expressões.

Por serem uma linguagem de comunicação, são constituídas por códigos de movimentos corporais, de símbolos, de gestos, de jogo, de música, de coreografias, de teatralidade, de motivos temáticos, onde a criatividade e sabedoria estão no diálogo entre essas várias expressões refletidas na sua capacidade de existência e propagação.

Encontro consonância com a afirmação de Schaun (2002), quando trata da *Educomunicação*, como um lugar de intervenção social que procura reinterpretar os movimentos comunicativos influenciados na linguagem da mídia e das novas tecnologias da comunicação, que encontram soluções no âmbito da educação, como instrumento de organização e poder das comunidades.

A referida autora, ao estudar manifestações culturais baianas através de grupos afrodescendentes como Ilê Aiyê, Ara Ketu, Olodum e Pracatum, encontra como objetivo principal

[...] a expansão e preservação da cultura de origem e inspiração africana no Brasil [...] esta é uma função eminentemente educativa, na medida em que consegue penetrar como verdade e evidência no contexto da mídia, permite-se instalar uma função também

comunicativa, no sentido fenomenológico, mas também histórico. Portanto, trata-se de um fenômeno de educomunicação, em que princípios éticos estão imbricados com valores estéticos, de sensibilidade, de percepção, no sentido de uma afirmação positiva, de reconhecimento do outro na sua alteridade e mesmidade. (SCHAUN, 2002, p. 78)

Profissionais que trabalham com as Danças Afro na Bahia, coreógrafos, professores, dançarinos, que mantêm uma intensa programação artístico-cultural com espetáculos, aulas, ensaios, *shows* na esfera local e internacional, almejam que essa linguagem de dança possa ser incorporada no currículo junto às demais para uma afirmação positiva no contexto amplo, bem como para seu desenvolvimento noutras instâncias.

Os profissionais mantenedores dessas expressões culturais criam novas estratégias para uma convivência nos centros urbanos, tentando viabilizar um mercado de trabalho independente, recorrendo as suas qualidades no campo artístico e profissional com certa autonomia, chamarei essa atividade de “mercado alternativo”, destacando o nível de sua independência.

A autonomia de cada escola de capoeira, por exemplo, grupo ou academia, está na liberdade moral ou intelectual, pois cada mestre pode criar sua escola ou grupo, atendendo às normas já instituídas no mundo da capoeira ou as recriando, isto é, a faculdade de se governar por si mesmo.

Fato singular na cidade de Salvador é que existem duas importantes escolas de formação que dão uma base paradigmática destas culturas: a Capoeira Angola e a Capoeira Regional, existindo além dessas, outros segmentos em processo de afirmação.

Sobre estilos emergentes, uns partem da aglutinação de elementos dessas duas capoeiras, outros, de elementos e valores da cultura do esporte competitivo e performático; há os que se aproveitam do *status* da capoeira e inventam adaptações de outras naturezas como “aeroginga”, “capoboxe”, “hidrocapoeira”, “capojitsu”....

Outra particularidade é quando um mestre já formado discorda das orientações ou regras de quem o formou, acontecendo dissidências que levam a surgir novos processos organizativos que alteram algumas estruturas na Capoeira, às vezes favoráveis e às vezes, não, por serem estabelecidas outras normas, procedimentos, padrões no grupo recém-criado.